

SOCIOLOGIA DA AUTONOMIA COMPLEXA: A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA SOLIDARIEDADE

*Pedro Heitor Barros Geraldo**

(Mestre pelo PPGSD/UFF, doutorando em Ciências Sociais na Universidade de Montpellier)



A nave dos loucos, de Hieronymus Bosch, disponível em <http://informaticadodireito.blogspot.com/>

Resumo:

Este trabalho se propõe a demonstrar a tese central da análise sociológica de Zygmunt Bauman: a autonomia. Esta pressupõe uma relação complexificada entre indivíduo e sociedade. Este analisa as afinidades epistêmicas com a ciência nova descrita por Edgar Morin a fim de se compreender a liberdade complexa. Outras concepções são analisadas como o espaço público e a relação entre ordem e caos.

Abstract:

This work proposes to show the central thesis of sociological's analysis of Zygmunt Bauman: the autonomy. It presupposes a complex relation between the individual and society. This work analyses the epistemical's affinities with the new science describes by Edgar Morin in order to comprehend the complex liberty. The other conceptions are analysed like public space and the relation between order and chaos.

"A liberdade não pode ser ganha contra a sociedade."

Zygmunt Bauman

Neste artigo pretendo demonstrar uma tese que acredito ser o tema central da análise sociológica de Zygmunt Bauman: a autonomia. A liberdade do indivíduo perante a sociedade é uma questão recorrente em suas obras.

Calha ressaltar que a autonomia a que Bauman se refere guarda pouca relação com a noção de liberdade que inspirou a construção da *modernidade sólida*. Nem a corrente neoliberal representada por Margaret Thatcher com uma citação emblemática: "*Não existe essa coisa chamada sociedade.*"¹ Nem o liberalismo clássico de inspiração kantiana da qual a noção de liberdade supõe um sujeito transcendental — não contingenciado — que apenas ele pode estabelecer seus próprios padrões de conduta, linha de pensamento esta que inspirou toda a corrente filosófica do positivismo.

A autonomia tratada por ele pressupõe uma relação complexificada entre indivíduo e sociedade representada na epígrafe deste trabalho. As dicotomias reproduzidas pelas teorias não atentam para o fato de que as concepções guardam complementaridade, ainda que existam inconsistências e contradições inconciliáveis. Subentendo uma questão em Bauman: por que não indivíduo e sociedade ao invés de indivíduo versus sociedade? Ou por que as condições sociais da modernidade líquida nos impele a um modelo tão excludente de viver?

O paradigma epistemológico adotado por ele procura enxergar as inconsistências teóricas e o caos societal como pontos geradores de organização intelectual ou social. Toda reorganização passa inexoravelmente pelo indivíduo que constrói a sociedade e ela que ascende sobre o indivíduo.

Assim pode-se compreender que nem toda subjetividade é tão livre quanto gostaria a Dama de Ferro, porém nem a sociedade determina totalmente o indivíduo. O que apresento aqui é uma síntese desta noção complexificada de autonomia em que a liberdade somente será conquistada compreendendo-se a reflexividade entre indivíduo e sociedade.

O Tao epistêmico

Tao é uma palavra derivada do vocabulário indiano afeta ao taoísmo que quer dizer caminho, mas não qualquer caminho, especificamente o caminho do meio entre os pólos. Expressa uma visão de mundo apoiada no equilíbrio compreendendo que perspectivas opostas são

A primeira tese defendida neste trabalho será de que o caminho da análise sociológica da modernidade construída por Bauman alicerça-se na ciência nova na qual expõe Edgar Morin. Primeiramente, deve se apresentar quais as bases dela para posteriormente demonstrar dentro da obra do autor polonês os pontos de vista presentes na ciência nova.

A *scienza nuova* que se refere opõe-se à ciência moderna sob o véu do paradigma reducionista capaz apenas de perceber determinismos e regularidades. Toda *modernidade sólida* calca-se neste paradigma. Bauman é sensível à constatação e superação dele, uma vez que em sua obra *Modernidade e ambivalência*, ao delinear a idéia do Estado jardineiro, conclui que:

*Os casos mais bem documentados de 'engenharia social' global da história moderna (aqueles presididos por Hitler e Stalin), não obstante as atrocidades resultantes, não foram nem explosões de barbarismo ainda não plenamente extinto pela nova ordem racional da civilização, nem o preço pago por utopias alheias ao espírito da modernidade. Ao contrário, foram produto legítimo do espírito moderno, daquela ânsia de auxiliar e apressar o progresso da humanidade rumo à perfeição que foi por toda parte a mais eminente marca da era moderna — daquela 'visão otimista de que o progresso científico e industrial removiam em princípio todas as restrições sobre a possível aplicação do planejamento, da educação e da reforma social na vida cotidiana', daquela 'crença de que os problemas sociais podem ser finalmente resolvidos.'*² (grifos meus)

Toda a ciência moderna abrigou o projeto racionalizador da existência humana ao transpor os métodos das ciências ditas naturais para as ciências sociais, não é à toa que o positivismo se impõe ainda hoje como paradigma predominante. Para ela, sujeito e objeto são categorias distintas, ao sujeito cabe a manipulação do objeto e a este, ser dominado. "*A ciência moderna nasceu da esmagadora ambição de conquistar a Natureza e subordiná-la às necessidades humanas*"³ transformar o mundo em um lugar manipulável, controlado e seguro é o escopo desta visão de mundo. Por isto não se deve ignorar o fato de que a modernidade é o reduto da ordem e compreender tudo que é cognoscível apenas por este viés. "No meio do caminho tinha uma pedra/ tinha uma pedra no meio de caminho"⁴, estes versos de Drummond são capazes de exprimir o que se tornou a ordem para a epistemologia contemporânea. Ela é a pedra que obsta a compreensão adequada das

dinâmicas sociais, Morin trata do paradoxo em que vive o ator e o cientista social: “*O paradoxo é que, se aplicarmos a visão científica ‘clássica’ à sociedade, só vemos determinismos.*”⁵

É preciso inverter ou trocar as lentes para se notar os problemas derivados desta visão de mundo. Existem de fato regularidades perceptíveis nas relações sociais, no entanto há também formas desorganizadas — aleatoriedades sociais — que não obedecem aos padrões clássicos de compreensão. Tais *aleas* são capazes de destoar das outras partes do todo e interagir de modo a reciclá-lo oferecendo novas condições de existência. Aí reside a noção inovadora de autonomia: “*um sistema aberto é um sistema que pode alimentar sua autonomia, mas mediante a dependência em relação ao meio externo.*”⁶ Para que tais propriedades potencialmente emergentes se desenvolvam é preciso sobretudo que haja liberdade. O potencial criativo e criador da parte depende da condição de estar livre para destoar da totalidade, emergir sobre e afetar o que a influencia.

Deste modo, um conceito importante, cunhado por Morin, para explicar a complexidade é o de *circuito ativo*. O todo não se constitui sem as partes e nem estas sem o todo, ou seja, o todo se explica pelas partes e as partes pelo todo. A complementaridade é essencial para entender a *circularidade construtora*. Ele assinala que há uma dupla identidade, algo marcante principalmente para as partes que não se anulam pelo todo. Demonstra Morin que:

*O todo é efetivamente uma macro-unidade, mas as partes não estão fundidas ou confundidas nele; têm uma dupla identidade, uma identidade própria que permanece (portanto, não redutível ao todo) identidade comum, a da sua cidadania sistêmica.*⁷

Deste modo, o todo determina a organização das partes tanto quanto estas determinam a organização do todo. Esta circularidade somente faz sentido no paradigma da complexidade que supera a causalidade linear (causa → efeito). Neste panorama, a causa produz o efeito que a produz.

Portanto, o todo é mais que a simples soma das partes; ele é menos que a soma das partes e ele é mais que o todo em virtude do dinamismo organizacional. Este processo caracterizador do todo permite que as partes atuem sobre ele sem perder sua micro-identidade. A emergência das partes faz com que o processo seja sempre dinâmico, pois ela nunca reproduzirá completamente a identidade do todo; anulando-se. As partes emergentes permitem recriar a própria identificação global que afetará as outras partes.

Um ponto que Morin enfatiza é a possibilidade das partes somadas serem maiores que o todo. Afirma o francês:

*O ‘progresso’ não está necessariamente na constituição de totalidades cada vez mais amplas; pode estar, pelo contrário, nas liberdades e independências de pequenas unidades. A riqueza do universo não está em sua totalidade dispersiva, mas nas pequenas unidades reflexivas desviadas e periféricas que nele se constituíram.*⁸ (grifos meus)

A liberdade e autonomia reflexiva das partes engendram um dinamismo criativo e criador. Possibilitando que o todo seja incompleto, conflitivo e incerto representando menos do que aparenta, na medida em que as zonas de sombra e buracos negros fazem com que o todo crie ou recicle as partes a fim de que as lacunas sejam cobertas.

Ao contrário do que se possa imaginar, estes hiatos das teorias não são ruins. O perímetro da ignorância faz com que os cientistas reflitam sobre os limites das teorias que eles aplicam. Estas zonas cinzentas do conhecimento são muitas vezes comprimidas e ordenadas dentro de categorias pelo conjunto teórico, são nestas situações que os antagonismos e as correntes teóricas costumam divergir. Deste modo, Morin defende que: “*devemos apoiar a idéia de sistema num conceito não totalitário e não hierárquico do todo, mas, pelo contrário, num conceito complexo de unitas multiplex, aberto às politotalidades.*”⁹ (grifos meus).

Resume-se em alguns tópicos o paradigma da complexidade, para efeito de demonstração do argumento: 1º) a noção de autonomia complexa (autonomia dependente); 2º) sistema como circuito ativo ou de com recursividade causal; 3º) partes emergentes; 4º) inserção das zonas de ignorância nos esquemas teóricos; 5º) perspectiva conflitiva e incompleta do todo.

A liberdade complexa

A tese principal deste trabalho é demonstrar a liberdade como elemento central das preocupações teóricas de Bauman. As condições derivadas da ambiência social da modernidade líquida são excessivamente individualizadoras e excludentes. Transformando a vida social numa prisão que amesquinha o espírito humano compelindo a desagregação do tecido social. A força propulsora desta época aprisiona o indivíduo no caldeirão de *unsicherheit*, que significa do alemão insegurança, incerteza e falta de garantia. Condena a liberdade aos limites da comunidade a que se deve prestar contas a todo momento expurgando para fora todos aqueles que não podem consumir, adequar-se à ordem, obedecer as leis ou mover na velocidade da

CONFLUÊNCIAS - REVISTA INTERDISCIPLINAR DE SOCIOLOGIA E DIREITO - PPGSD-UFF - página 65
"obsessiva marcha adiante."¹⁰ Tudo que está fora é o refugio da modernidade. O ambivalente, o vagabundo, o sólido, a ação coletiva.

A liberdade complexa — não a do ordeiro, do turista, do fluído e do privado — compreende as dinâmicas sociais construídas pelas mãos e pelos pensamentos humanos. É importante que se tenha em vista que Bauman é avesso a naturalização das coisas, estranha-o tudo que lhe aparece diante de suas "retinas tão fatigadas"¹¹ seguindo a risca a advertência de Cornelius Castoriadis: "o problema da condição contemporânea de nossa civilização moderna é que ela parou de questionar-se"¹². E se há algo que não é natural, nem essencialmente dado, mas que é um artefato humano é a sociedade em que se vive. Sendo esta uma condição irremediável, qual seja a de viver entre outros homens num ambiente construído por todos eles.

É neste sentido que a liberdade deve começar a ser entendida. Converte neste ponto com Hannah Arendt quando ela afirma que: "Todas as atividades humanas são condicionadas pelo fato de que os homens vivem juntos; mas a ação é a única que não pode sequer ser imaginada fora da sociedade dos homens."¹³. A este inescapável fator, a liberdade deve se produzir sem que disto derive sofrimento humano que agrilha o indivíduo e o contingência à luta pela sobrevivência diária. Não há ação coletiva que se possa erigir da miséria e da ignorância. Estar condenado à sobrevivência significa atrelar-se aos próprios interesses e dos joguetes que se formam para sustentá-los. Simplesmente não há liberdade.

Só se vive em sociedade, por isto "a liberdade individual só pode ser produto do trabalho coletivo."¹⁴, este é o ponto crucial da liberdade: a interdependência. Somente se pode conceber a interdependência criativa quando há espaço para o pluralismo que "amplia os horizontes da humanidade e multiplica as oportunidades de uma vida melhor que a que qualquer das alternativas pode oferecer."¹⁵ A busca pela libertação exige comprometimento dos indivíduos. Daí o valor precioso que o espaço público tem para esta concepção.

A ágora

A ágora era a "esfera cujo papel principal não era manter o público e o privado separados nem preservar a integridade territorial de cada um, mas garantir um tráfego suave e contínuo entre eles."¹⁶ Este espaço permitia o diálogo das aflições particulares no espaço compartilhado, de maneira a agregar as pessoas. O intercâmbio das idéias é fundamental para a ação coletiva, recorrendo-se à Hannah Arendt novamente: "tudo o que os homens fazem, sabem ou

experimentam só tem sentido na medida em que pode ser discutido."¹⁷

A tarefa libertadora do indivíduo hoje é a defesa do espaço público, no qual ele possa defender livremente o direito de ser diferente. Esta ação discursiva no espaço público submetido à apreciação de todos os outros os indivíduos é a proposta de Hannah Arendt e Bauman. Lutar contra a privatização do espaço público que foi colonizado pelas celebridades que agora são os verdadeiros exemplos de vida a serem seguidos.

Importante lembrar, porém, que não é a pregação de uma volta ao passado, ou buscar refazer as coisas como eram antes, ao apelar para a reconstituição da ágora como lugar comum à exposição e acerto dos negócios públicos procura-se reconstruir as aspirações que guiaram o projeto iluminista com a visão ciosa de um mundo melhor, nas palavras de Theodor Adorno e Max Horkheimer: "Não é a conservação do passado, mas de resgatar a esperança passada que se trata."¹⁸ A ágora é o espaço onde se criam tais noções de boa sociedade, numa postura ativa, em virtude disto conclui Bauman que: "A verdadeira libertação requer hoje mais, e não menos, da 'esfera pública' e do 'poder público'"¹⁹

Os contornos da ágora formam a totalidade a que se refere Morin, permitindo que transitem as emergências privadas retraduzidas em questões públicas. Engedrando a formação de micro-totalidades — as politotalidades a que se refere o francês — disputando através da ação (discursiva) as atenções. Ao tratar do modelo republicano de unidade, Bauman parece citar Morin:

*Esse é, essencialmente, o modelo republicano de unidade, de uma unidade emergente que é uma realização conjunta de agentes engajados na busca de auto-identificação; uma unidade que é um resultado, e não uma condição dada a priori, da vida compartilhada; uma unidade erguida pela negociação e reconciliação, e não pela negação, sufocação ou supressão das diferenças.*²⁰ (grifos meus)

Tal concepção é libertadora, não por que suprime as diferenças, ao contrário por pressupor a liberdade das partes para que possam divergir abertamente, sem constranger outras dissidências minoritárias. As correntes que prezam o consenso e o pensamento único, não possuem a mesma visão agonística da esfera pública. A falta de liberdade, hodiernamente, expressa-se no fato de que as pontes que pelas quais trafegam o problemas privados para a ágora estão ruindo, prova disto é a falência dos meios institucionalizados de representação política, sejam os partidos, os sindicatos, associações etc.

A impressão que se pode ter é que os políticos estão mais preocupados em se manter em seus cargos do que interferir efetivamente nas relações excludentes reproduzidas através das gerações. O descompromisso e individualismo podem ser retratados da seguinte forma:

*Que as coisas vão mal não é novidade; para um grande número de pessoas as coisas costumavam ir mal nos tempos melhores. O que é realmente novidade é que as coisas que vão mal para algumas pessoas raramente preocupam aqueles para quem as coisas vão bem. Estes aceitaram e declararam que pouco podem fazer para melhorar a sina dos outros. (...) A promessa não foi apenas quebrada, foi retirada.*²¹ (grifos meus)

Desta feita, a busca pela liberdade passa necessariamente pela reconstrução das pontes entre o público e o privado.

Caos, ordem, caos, ordem...

Voltando brevemente à questão da ordem e sua importância para a formação do totalitarismo intelectual. A questão de como as partes emergentes podem surgir ainda permanece. Se a ação racionalizadora prometia ser tão perspicaz, o que falhou no projeto?

A circularidade causal ou em anel de que trata Morin em seu esquema epistemológico é seguido a risca. O sistema organizacional é dinâmico e depende de ordens e aleatoriedades, uma vez que da ordem surge o incerto, o ambivalente, enfim, o caos. Ordem e caos estão um para o outro tal qual o *yin* e o *yang*, um jamais poderá prescindir do outro para existir. O que há de libertador nesta visão?

Primeiramente, a ordem deixa de ser o referencial preponderante, e também insere o que é dúbio — a ambivalência significa o que é incerto, polêmico, o que ainda se situa numa zona cinzenta — para se entender as criações e os desvios virtuosos. A ordem é a propulsora do caos que a propulSIONA:

*O caos, 'o outro da ordem', é pura negatividade. é a negação de tudo o que a ordem se empenha em ser. É contra essa negatividade que a positividade da ordem se constitui. Mas a negatividade do caos é um produto da autoconstituição da ordem, seu efeito colateral, seu resíduo e, no entanto, condição sine qua non da sua possibilidade (reflexa). Sem a negatividade do caos, não há positividade da ordem; sem caos, não há ordem.*²² (grifos meus)

Bauman compreende isto ao afirmar, em uma breve análise sobre a assimilação da cultura dos judeus na Alemanha pré-nazista, que: "Por um

sinistro paradoxo, dificilmente edificante, a eclosão de criatividade judaica que se sedimentou como cultura moderna foi resultado da intolerância da modernidade."²³ Ora a ordem que estava por se implantar naquele país compeliu os agentes a uma ação que era inesperada. A constrição cultural almejava aniquilar aquela que dela divergia, curiosamente foi a causa de um profícuo florescimento intelectual dentre os oprimidos.

A recursividade causal aponta o motivo da derrocada do plano racional, manipulador e administrador do mundo. "As certezas não passam de hipóteses, as histórias não passam de construções, as verdades são apenas estações temporárias numa estrada que sempre leva adiante mas nunca acaba."²⁴ O fim do telos abre o futuro a uma miríade de novos posicionamentos sejam eles quais forem. Em acordo com Giddens: "A 'história' não está do nosso lado, não tem teleologia, e não nos proporciona garantias."²⁵ Bauman percebe o quão infinitamente complexa são as dinâmicas sociais, sem naturalizar quaisquer concepções sobre ela. Não há mais a essência a ser perseguida, mas a qualidade dos laços que atam as relações. Enxergar pelo viés da ordem equivale a selar com um cabresto a compreensão sobre os fenômenos e cercear a inefável imaginação humana.

O terreno de areia movediça que é a ambivalência recupera elementos que foram expurgados do debate, quais sejam as questões de filosofia moral, que ainda resistem em nome de um falso pluralismo e uma democracia de baixa energia. Além da arte com seu imenso potencial criativo. A epistemologia preocupou-se demasiadamente em dizer o que era científico ou não, a ciência nova extirpa a celeuma, recolocando-a em outros termos. Como pode da incerteza, brotar um conhecimento cientificamente criativo e socialmente adequado? Somente com a dúvida pode-se contemplar tal situação, em outras palavras,

*A ambivalência não é para ser lamentada. Deve ser celebrada. A ambivalência é o limite de poder dos poderosos. Pela mesma razão, é a liberdade daqueles que não têm poder. É graças à ambivalência, à riqueza polissêmica da realidade humana, à coexistência de muitos códigos semióticos e cenários interpretativos, que o 'conhecimento associativo do intérprete é investido de poderes notavelmente amplos, incluindo até o privilégio hermenêutico de deixar perguntas figurarem como parte das respostas.'*²⁶ (grifos meus)

As zonas de ignorância não devem mais ser descartadas como desvios atentatórios ao método, à verdade ou à ciência, um fato inafastável não pode mais ser desconsiderado já

CONFLUÊNCIAS - REVISTA INTERDISCIPLINAR DE SOCIOLOGIA E DIREITO - PPGSD-UFF - página 67 que *"a aquisição do conhecimento não pode se exprimir de nenhuma outra forma que não a da consciência de mais ignorância."*²⁷ Apenas trafegando pelo improvável e ousando pensar o impensado se é livre para destoar da vertente majoritária de maneira a construir novas ordens e descobrir mais áreas intocadas.

A "trama de incríveis dependências"

Já se demonstrou a forma de se compreender a liberdade complexa, por isto Morin assinalou que *"Toda vida autônoma é uma trama de incríveis dependências."*²⁸ Qual o papel, então, desta liberdade complexa? Chega-se aqui no escopo principal: **a construção social da solidariedade**. Como valor e como regra na ação.

Para Bauman, a primeira ocupação desta sociologia da autonomia *"feita sob medida para a modernidade líquida deve ser a promoção da autonomia e da liberdade; tal sociologia deve focar a autoconsciência, a compreensão e a responsabilidade individuais."*²⁹ Todos os fatores que impelem a sociedade ser da forma que ela é não é obra da ação divina sobre o mundo, mas um artefato produzido pela criatividade dos homens com as aleatoriedades e ordenações. Infelizmente, ainda não foi possível a criação de um modelo menos insensível à miséria humana.

A solidariedade não deve se constituir simplesmente em tolerância:

*"A sobrevivência no mundo da contingência e diversidade só é possível se cada diferença reconhece outra diferença como condição necessária da sua própria preservação. A solidariedade, ao contrário da tolerância, que é sua versão mais fraca, significa disposição para lutar; e entrar na luta em prol da diferença alheia, não da própria. A tolerância é egocêntrica e contemplativa; a solidariedade é socialmente orientada e militante."*³⁰ (grifos meus)

Cada um deve considerar o outro como parte de sua existência, esta é a missão da sociologia da autonomia, desvelar à compreensão dos homens e mulheres que a liberdade não existe por si, mas reflexivamente. Encarar que as dissensões são capazes de separar e oprimir é ignorar que o conflito pode gerar magníficas criações. O consenso é importante, contudo mais preciosas são as possibilidades escancaradas pelo dissenso. Por isto, *"O único consenso com alguma chance de sucesso é a aceitação da heterogeneidade das dissensões."*³¹ Não há autonomia que se sustente sem o reconhecimento deste fato.

A *modernidade líquida* desata os derradeiros laços de solidariedade que atavam os homens

em empreitadas coletivas. A compreensão deste fato inegável é apenas o começo para estabelecer novas amarrações, por isto o sentido francamente ético que Bauman imprime em seus textos. Ao afirmar que: *"Não iremos longe sem trazer de volta do exílio idéias como a do bem público, da boa sociedade, da igualdade, da justiça e assim por diante — idéias que não fazem sentido senão cuidadas e cultivadas na companhia de outros."*³² Isolar estas questões afasta os homens daquilo que os tornam sensíveis ao próximo. Infelizmente, o grande estoque de conhecimento de que se dispõe não é suficiente para ajudar a decidir sobre juízos de valor, afirmou Anthony Giddens.

Na velocidade do sinal eletrônico, edificou-se o curioso paradoxo, se a um tempo estreitou o arco do globo terrestre, transformou o homem em débeis mônadas. Libertar os homens desta desprezível situação é a tarefa inadiável a que o debate sobre a ética procura encarar. *"Só estamos protegidos pela ética, termo que não tem nenhum sentido científico na concepção clássica, por que a ética supõe o sujeito."*³³ O sujeito militante, engajado, solidário, que é capaz de intervir no objeto que constrói a ponto de compartilhar com ele sua própria identidade.

Não há impasse entre indivíduo e sociedade, entretanto a busca da política é a pela complementaridade. Fazer-se ouvir e incluir a diferença é o *tao* desta nova ciência. Instigar as consciências de seus deveres e se indagar sobre os próprios juízos engaja os seres em uma nova vida. E pela liberdade que se luta e tudo mais. Afinal, *"O preço do silêncio é pago na dura moeda corrente do sofrimento humano."*³⁴

Retomar as esperanças passadas, reconstruir as pontes, refazer o mundo à várias mãos é o que pretende demonstrar a sociologia da autonomia teorizada por Bauman. Lutar incansavelmente contra a *modernidade líquida*, que precipita sobre todos, sem fugir à responsabilidade de destilar aquilo que possa prejudicar. Esta é a escolha que urge ser feita.

Por isto, *"A tarefa da sociologia é assegurar que essas escolhas sejam verdadeiramente livres e que assim continuem, cada vez mais, enquanto durar a humanidade."*³⁵

Conjecturas possíveis

Ao cabo desta exposição, espero ter demonstrado o argumento de que Bauman aproxima-se do paradigma da complexidade tal qual expõe Edgar Morin, a fim de compreender as dinâmicas sociais ordenadoras e alertórias.

Ademais, provar que o ponto de partida da análise baumaniana não é outro senão a liberdade dos indivíduos, ou seja, uma *autonomia complexa* cercada por uma rede de dependências e relações mutualísticas. Criando um *simbioísmo*

entre indivíduos e sociedade. Não havendo outra saída para a libertação da condição individualizante da vida moderna, a não ser pela recuperação das "esperanças passadas", mais do que dos valores vetustos. A retomada da ética pode alumiar todo o árduo trabalho que se nos coloca a nossa frente. Essas foram as teses centrais deste trabalho.

Finalmente, Bauman não é um sociólogo de "um mundo caduco" e sabe que o homem está se enclausurando em si mesmo. O sentido da existência é relacional, assim, não há como seguir acompanhado do estúpido egoísmo. Se há um mundo melhor a construir, este só será possível com liberdade interdependente e complexificada, portanto "não nos afastemos muito vamos de mãos dadas."³⁶

Bibliografia

ADORNO, Theodor W., HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Trad. Roberto Raposo. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

———. *Globalização e as conseqüências humanas*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

———. *Em busca da política*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

———. *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. *Antologia poética*. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.

MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Trad. Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 7. ed. rev. mod. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

Notas

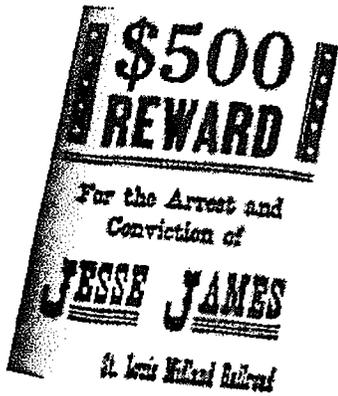
* Professor de Deontologia Jurídica e Teoria da Justiça na Faculdade de Direito da UFJF, Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia e Direito da UFF, Membro do grupo de pesquisa

"Direito e Tecnologia Social" (Dirts) cadastrado no CNPq e bolsista da CAPES.

- 1 BAUMAN. *Modernidade líquida*. p. 75.
- 2 BAUMAN. *Modernidade e ambivalência*. p. 38.
- 3 BAUMAN. *Modernidade e ambivalência*. p. 48.
- 4 DRUMMOND DE ANDRADE. *Antologia poética*. p. 196.
- 5 MORIN. *Ciência com consciência*. p. 277.
- 6 MORIN. *Ciência com consciência*. p. 282.
- 7 MORIN. *Ciência com consciência*. p. 260.
- 8 MORIN. *Ciência com consciência*. p. 262.
- 9 MORIN. *Ciência com consciência*. p. 264.
- 10 BAUMAN. *Modernidade e ambivalência*. p. 18.
- 11 DRUMMOND DE ANDRADE. *Antologia poética*. p. 196.
- 12 BAUMAN. *Globalização e as conseqüências humanas*. p. 11.
- 13 ARENDT. *A condição humana*. p. 31.
- 14 BAUMAN. *Em busca da política*. p. 15.
- 15 BAUMAN. *Modernidade líquida*. p. 204.
- 16 BAUMAN. *Em busca da política*. p. 93.
- 17 ARENDT. *A condição humana*. p. 12.
- 18 ADORNO, HORKHEIMER. *Dialética do esclarecimento*. p. 15.
- 19 BAUMAN. *Modernidade líquida*. p. 62.
- 20 BAUMAN. *Modernidade líquida*. p. 204.
- 21 BAUMAN. *Modernidade e ambivalência*. p. 273.
- 22 BAUMAN. *Modernidade e ambivalência*. p. 15.
- 23 BAUMAN. *Modernidade e ambivalência*. p. 170.
- 24 BAUMAN. *Modernidade e ambivalência*. p. 190.
- 25 GIDDENS. *As conseqüências da modernidade*. p. 154.
- 26 BAUMAN. *Modernidade e ambivalência*. p. 190.
- 27 BAUMAN. *Modernidade e ambivalência*. p. 258.
- 28 MORIN. *Ciência com consciência*. p. 282.
- 29 BAUMAN. *Modernidade líquida*. p. 243.
- 30 BAUMAN. *Modernidade e ambivalência*. p. 271.
- 31 BAUMAN. *Modernidade e ambivalência*. p. 265.
- 32 BAUMAN. *Em busca da política*. p. 16.
- 33 MORIN. *Ciência com consciência*. p. 289.
- 34 BAUMAN. *Globalização e as conseqüências humanas*. p. 11.
- 35 BAUMAN. *Modernidade líquida*. p. 246.
- 36 DRUMMOND DE ANDRADE. *Antologia poética*. p. 118.



PROCURA-SE



**PPGSD: O PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MAIS PROCURADO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

RECOMPENSA: EXCELÊNCIA ACADÊMICA





A PARTIR DO PRÓXIMO NÚMERO *CONFLUÊNCIAS* EM NOVO FORMATO
